

A formação do leitor: uma prática avaliativa de leitura no Ensino Médio

MARGARETE MARIA SOARES BIN

Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo.
e-mail: margarettesbin@yahoo.com.br

MIGUEL RETTENMAIER DA SILVA

Doutor em Teoria da Literatura pela PUCRS, com pós-doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela. Professor da Universidade de Passo Fundo.
e-mail: miguel@upf.br



INTRODUÇÃO

Discute-se frequentemente em pesquisas acadêmicas sobre a importância do ato de ler e como esta prática influencia o avanço da educação. Muitas vezes, embora haja o empenho de muitos professores, ainda há dificuldades para fazer com que os estudantes leiam, gostem de ler e assim permaneçam no decorrer dos seus estudos, a fim de atender às demandas da vida cotidiana.

Entende-se também que a avaliação durante o ano letivo é uma exigência na educação e que a leitura, como atividade educativa, precisa ser avaliada, inclusive como meio de tentar fazer com que os estudantes leiam, principalmente por estes estarem no término da educação básica, período em que já deveriam ter boa bagagem de leitura. Só que nem sempre isso ocorre. Assim, este artigo tem o intuito de contribuir com as pesquisas acerca da leitura, por isso, pretende-se investigar como os estudantes estão direcionados para a avaliação da leitura e mostrar que a avaliação pode ser uma aliada da leitura, mas para isso, faz-se indispensável que se ensine o estudante a ler pelo prazer da leitura e em decorrência dela, a avaliação não deve ser simplesmente a devolução do que está posto pelo autor, mas deve abranger o envolvimento pessoal com a leitura.

Há que se ressaltar que este trabalho apresenta fragmentos de trechos de textos dos estudantes de Ensino Médio, mais especificamente do 2º ano, com relação a um trabalho avaliativo de leitura em sala de aula, sendo uma amostra de atividade que pode servir de incentivo para outras discussões entre os educadores, a fim de eles repensarem o que está sendo exigido como avaliação de leitura em toda

trajetória escolar. Dessa forma, a questão que permeia essa pesquisa é: como os estudantes atendem atividades avaliativas com relação às leituras realizadas? A partir disso, busca-se verificar o que esses estudantes entendem sobre leitura, como interpretam o que leem (principalmente com relação ao que foi solicitado no enunciado), e a partir disso, compreender a tradição com que foi desenvolvida a avaliação, bem como a dificuldade que os estudantes sentem de se readaptar com propostas inovadoras.

Para compor a base deste trabalho utilizou-se, principalmente, de conceitos com relação à leitura presentes nas obras dos seguintes autores: Roger Chartier, Michèle Petit, Regina Zilberman e Lúcia Santaella. Assim, buscou-se primeiramente discorrer sobre leitura, na sequência, salientou-se a sua importância no Ensino Médio e, por fim, apresentou-se uma prática de atividade com leitura.

1. A LEITURA NA ATUALIDADE

A leitura é um tema que está sempre em pauta e, entre avanços e retrocessos, o foco das preocupações será sempre ele: o leitor. Mudam-se os suportes, porém, a intenção é a mesma: manter, resgatar e atrair leitores.

Hoje, com a possibilidade de leitura se expandindo do impresso ao digital, cabe ao docente ir ao encontro dessas necessidades dos estudantes, porque o “mundo eletrônico” faz parte da vida do estudante, isso é certo. Então, um novo perfil de discente está na sala de aula, e nesse sentido, Lúcia Santaella (2004) fala em leitor ubíquo, o qual ao mesmo tempo em que está presente andando pelos ambientes, seja escola, rua, empresa, seja casa, lendo os signos emitidos por esses locais, é também um leitor imersivo, isto é, navega em programas de leituras muito rapidamente: ao toque do dedo no seu celular, pode conversar com alguém que esteja próximo ou muito distante.

Em se tratando de tecnologia, no livro intitulado *Não contem com o fim do livro*, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010) discutem acerca dos questionamentos que circulam em torno da durabilidade do livro impresso com o surgimento do livro digital. Para os autores, são inegáveis a praticidade e a funcionalidade dos meios eletrônicos, que dinamizam as pesquisas. Perde-se menos tempo digitando uma palavra para busca do que folheando o livro para se encontrar o que se procura, porém, isso não anula a identidade que o objeto impresso já adquiriu, pois nele há certa magia, o virar de páginas e o cheiro.

Porém, mesmo que haja discussões em torno da durabilidade do livro impresso, a preocupação maior gira em torno do perfil de leitores que se está formando na escola. Para isso é preciso que se perceba como o professor trabalha a leitura em sala de aula. O que se constata é a distância entre o que se quer atingir e a forma lenta com que se progride, pois muitos fatores estão atrelados ao trabalho realizado em sala, os quais dificultam o bom desempenho. Também é preciso verificar as dificuldades que a escola apresenta, inclusive no sentido de o ato da

leitura seguir regras e padrões que distanciam os estudantes da sua vivência, afastando-os de pensar em novas perspectivas.

Entre esses fatores estão muitas bibliotecas sem estrutura para receber os estudantes, contando com profissionais deslocados de outros setores para atender temporariamente o espaço e sem formação específica, locais velhos, mofos, com livros que não estimulam a leitura. Vários desses ambientes não possuem nem cadeira para que os estudantes se familiarizem com o recinto. Em se tratando desse local tão importante, cabe citar as condições de uma biblioteca na França, conforme comentada por Michèle Petit (2008): a autora mostra que o ambiente vai muito além da forma como ele é usufruído aqui no Brasil. É um ideal de local para os jovens. Lá a biblioteca é um espaço estruturante, os estudantes sentem prazer ao frequentá-la, pois é um recinto de encontro além do conhecimento, permite a sociabilidade, em que também os estudantes fazem as tarefas de casa, trocam ideias com o profissional que os orienta. O espaço convida à leitura.

Aqui no Brasil, a biblioteca figura como um dos fatores, muitas vezes, que deixam a desejar como item propulsor da leitura, sendo que ali deveria ser o primeiro espaço ao qual se recorrer quando se pensasse em motivar leitores.

Outro fator preponderante relaciona-se ao docente, o qual não cumpre, muitas vezes, com o papel de mediador. Esse mesmo profissional, que deveria ser o exemplo de leitor, na maioria das vezes, falha como profissional, embora em relação próxima a isso estejam os poucos programas de formação de mediadores de leitura.

Há que salientar que muitas atitudes estão sendo tomadas para incentivar a leitura, como as instituições que disponibilizam programas de doação de livros, as Feiras de Livros que se apresentam em várias cidades, os contadores de histórias, os programas realizados por universidades, as instituições voltadas ao lazer e incentivando a leitura, entre outras.

Com relação ao propósito específico deste artigo, convém enfatizar que os dados da pesquisa *Retratos de um jovem leitor*, realizada pelo Instituto Pró-Livro e aplicada pelo Ibope Inteligência em 2011, com o objetivo de conhecer o comportamento do leitor brasileiro a partir dos cinco anos, mostram que o adolescente se apresenta como o público que mais lê, mas ainda lê pouco. Dentre os principais motivos para não ele não ler, destaca-se a falta de interesse, paciência e tempo. Isso mostra que esse público não foi incentivado a ler, ocupando-se de outros entretenimentos (televisão, música, internet). Se os jovens se envolvem com outras atrações, a tarefa fica mais árdua na tentativa de fazer com que leiam.

Segundo Lajolo (1997), há no Brasil uma crise da leitura, problema este presente por toda tradição cultural do país. Para ela, isso é resultado, dentre outros fatores, da precariedade de condições socioeconômicas e da instituição escolar. Agregam-se a isso as colocações de Martins (1993), quando diz que a leitura é historicamente concebida como domínio de um setor da sociedade sobre os demais, ou seja, somente alguns sujeitos têm o privilégio e o acesso a ela, que por ser conhecimento é poder. Assim, ler pode ser um ato perigoso, já que permite o acesso

ao conhecimento, o que representa o combate à ignorância. Sem contar que se a avaliação for realizada de forma satisfatória, desenvolverá o estudante para atuar de forma crítica na sociedade.

A respeito da avaliação, Lerner (2002) acredita que ela é necessária, mas não pode prevalecer sobre a aprendizagem. Assim, a autora propõe:

Para que haja uma transformação verdadeira do ensino da leitura e da escrita, a escola precisa favorecer a aprendizagem significativa, abandonando as atividades mecânicas e sem sentido que levam o aluno a compreender a escrita como uma atividade pura e unicamente escolar. Para isso, a escola necessita propiciar a formação de pessoas capazes de apreciar a literatura e de mergulhar em seu mundo de significados, formando escritores e não meros copistas, formando produtores de escrita conscientes de sua função e poder social (Lerner, 2002, p. 3).

Disso decorre a preocupação ainda maior que se tem com os estudantes do Ensino Médio, os quais precisam desenvolver o gosto pela leitura, pois, na sequência, outro nível de ensino os espera, com disciplinas que envolvem pesquisa, conhecimento e leitura, razão pela qual deverão estar bem embasados. Eis a função dos docentes desta fase, os quais devem apresentar a boa leitura aos estudantes e o que ela ocasiona, e permitir também que estes desenvolvam seus próprios gostos literários. A próxima seção destina-se ao estudo da leitura deste perfil específico de estudantes.

2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO

O Ensino Médio é a última etapa da educação básica, e em decorrência disso, espera-se que nesta fase o estudante já tenha o hábito de ler, porém, não é o que acontece para a maioria dos estudantes desta etapa. Conforme Zilbermann (2014), a leitura é fragmentada. Tal colocação vai ao encontro de Weber (2010, p. 5), para quem “a sociedade contemporânea está sempre em busca de algo que lhe atribua um status imediato”. Dessa forma, a leitura de um livro inteiro não tem a apreciação merecida.

Por se tratarem de adolescentes, não há como negar a existência de outros meios que os encantam, como música, celular, computador, os quais são considerados outras formas de entretenimento que aparecem entre os principais motivos para a falta de leitura citados por Zoara Failla (2012), quando mostra o registro da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*.

Nesse sentido a tarefa do professor aumenta, a fim de atrair esses estudantes para a leitura, fazendo uso, inclusive, dos meios de entretenimento citados acima como estratégias de leitura. Porém, o que se observa, segundo Regina Zilberman (2009), é que a leitura entra na escola por meio do livro didático, expondo

fragmentos de textos. Daí parte-se do pressuposto que resumir origina-se com a leitura realizada de forma tradicional e depois irá repetir-se nas atividades avaliativas escritas dos estudantes.

Por isso, há que se levar em consideração que o estudante que não desenvolveu a habilidade leitora no Ensino Médio terá dificuldades em prestar o vestibular, pois ao se limitarem os conhecimentos, não se dá oportunidade para que o sujeito adquira uma visão mais ampla do que acontece, seja na atualidade, seja na história, por meio da leitura. Ao se oportunizar essa construção de uma visão crítica, o estudante terá maior facilidade de produzir textos, interpretar, entender e atuar no meio em que vive, bem como interagir com aqueles que o cercam, principalmente nesta sociedade em que se escreve fragmentado, fala-se fragmentado (fala-se de pouco em pouco, faltando, muitas vezes competência narrativa). Em razão disso, muitas interpretações nos relacionamentos sociais tornam-se equivocadas, ocasionando, inclusive, a falta de entendimento entre muitas pessoas.

Entretanto, não há como negar que muitos estudantes sabem de suas deficiências na escrita, alguns querem mudar a situação, mas não sabem por onde começar, e é aí que entra a função do mediador para encaminhá-los, dando a direção. Em relação a isso, Lerner (2002) comenta que embora, necessite tempo, a escola precisa de mudanças profundas no que diz respeito ao aprendizado da leitura e da escrita, as quais só serão alcançadas através da compreensão profunda de seus problemas. Ainda, baseando-se nas ideias da referida autora, pode-se considerar que o ato de ler na escola passa pelo crivo do real, possível e necessário, devendo fazer sentido para os interlocutores. Dessa maneira, o estudante deve ser capaz de inserir-se no meio cultural que o rodeia, com capacidade de interpretar e produzir textos sobre esse universo.

Para Michèle Petit (2009, p. 287), cada um deveria ter a experiência de que a apropriação da cultura escrita é possível, pois ser inábil com a escrita hoje é uma desvantagem em vários setores, inclusive escolar; é bem mais difícil ter voz ativa no espaço público quando não se é hábil na cultura escrita, inclusive, ter familiaridade com a leitura e a escrita não garante nada, mas quem está distante corre o risco de ser excluído. “Deveria”, como bem disse a autora, entretanto, a escrita que se apresenta na escola é a que vai refletir nos vestibulares e no Enem.

Em razão de o estudante, muitas vezes, ler resumos, sua leitura torna-se fragmentada. Diante disso, como irá argumentar numa dissertação? E ainda, como poderá entender uma questão extensa apresentada, se não tem leituras suficientes para compreender o que se pede no enunciado?

Também não há como encerrar todos os leitores para a mesma interpretação de um texto lido, pois, como dito por Manguel (1997), cada leitor confere a certos livros uma certa leitura. Isso dependerá de suas vivências e poderá refletir a vida toda. Percebe-se isso nas palavras do próprio autor:

Aos treze ou catorze anos, desenvolvi um anseio literário por Londres e lia as histórias de Sherlock Holmes com a absoluta certeza de que a sala enfumaçada da

Baker Street, com suas chinelas turcas para tabaco e sua mesa manchada de produtos químicos perigosos, parecia-se fielmente com as moradas que eu teria quando também estivesse na Arcádia. As criaturas antipáticas que Alice encontrava no outro lado do espelho, petulantes, peremptórias e sempre resmungonas, renunciaram muitos dos adultos da minha vida de adolescente (Manguel, 1997, p. 118).

Acrescenta-se que, para os adolescentes que frequentam o Ensino Médio, a cobrança pela apropriação da leitura se intensifica, já que por ela o estudante poderá obter êxito em seleções interpretativas e escritas, por ser a fase em que está se preparando para o mercado de trabalho e em que alguns, inclusive já inseridos nele, precisam aprimorar suas leituras. Assim, a leitura, detentora dos meios de ascensão social, poderá proporcionar os meios necessários não só para sua próxima escolarização, mas para a vida em sociedade. Ao dar significado ao texto, o estudante estará propiciando significado a sua própria existência. Eis as palavras de Manguel:

Diante de um texto, o leitor pode transformar as palavras numa mensagem que decifra para ele alguma questão historicamente não relacionada ao próprio texto ou a seu autor. Essa transmigração de significado pode enriquecer ou empobrecer o texto; invariavelmente o impregna com as circunstâncias do leitor. Por meio de ignorância, fé, inteligência, trapaça, astúcia, iluminação, o leitor reescreve o texto com as mesmas palavras do original, mas sob outro título, recriando-o, por assim dizer, no próprio ato de trazê-lo à existência (Manguel, 1997, p. 120).

Diante desses benefícios que a leitura conduz, o cuidado com as atividades que o docente propõe aos jovens após a leitura torna-se primordial. É o caso, por exemplo, de exigir apenas resumos dos textos lidos. Para Zilberman (2009), se o aluno estiver interessado em outro aspecto e o professor deseja limitá-lo, o interesse do educando fica sufocado, quando o melhor seria proporcionar a interpretação com suas possibilidades e nuances.

Para melhor observar como estão sendo desenvolvidas as atividades de leitura dos estudantes até chegarem ao Ensino Médio, procurou-se realizar uma avaliação de leitura no 2º ano do Ensino Médio, a qual será descrita na próxima seção. O objetivo é analisar a avaliação com a teoria, verificando as capacidades desses estudantes, nesse nível de ensino, de entenderem o texto e o grau de dificuldade para realizarem uma avaliação crítica, sendo que o posicionamento crítico dos estudantes deveria ser parte constante de avaliações, a partir do momento em que se trabalha com leitura na escola, deixando de lado avaliações que se perpetuam focadas em apenas uma resposta considerada correta, sem levar em consideração a heterogeneidade de estudantes que se trabalha em sala de aula. Para Boff (1997, p. 9):

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender o que alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isto faz da leitura sempre uma releitura.

Disso contata-se que o professor deve conhecer a turma com que trabalha, levar em consideração uma avaliação qualitativa, os degraus que os estudantes avançam em cada proposta de atividade, as especificidades de cada sujeito da aprendizagem e a motivação com que ele, o docente, conduz todo o trabalho até chegar à avaliação.

3. ANÁLISE DA LEITURA A PARTIR DE UMA AVALIAÇÃO REALIZADA NO ENSINO MÉDIO E RESULTADOS

Durante o ano letivo, dividido em trimestre na rede pública estadual no RS, os estudantes do Ensino Médio realizam atividades avaliativas, já que é preciso avaliar para atribuir um conceito em cada final de trimestre. Assim, acompanharam-se as atividades de leitura produzidas por uma turma de 2º ano do Ensino Médio, durante as aulas de Língua Portuguesa na cidade de Carazinho.

Cabe constar que, a cada final de trimestre, a docente de Língua Portuguesa da turma realizou uma atividade diferente para o 2º ano, pois a intenção, segundo ela, é tornar as aulas dinâmicas e não monótonas. A título de conhecimento, cabe acrescentar que, no primeiro trimestre, todos os estudantes leram o mesmo livro e fizeram um seminário para discutir o livro; no segundo trimestre, a atividade surgiu em decorrência de uma peça teatral, em que os estudantes tiveram a oportunidade de assistir a contos de Machado de Assis adaptados, surgindo daí a ideia de os estudantes lerem contos e organizarem vídeos (usando, inclusive, materiais eletrônicos nesta atividade); e no terceiro semestre (é este que será focado neste trabalho), os estudantes puderam escolher os livros para leitura (inclusive alguns mudaram o livro durante o período de leitura, quando perceberam que não era o referido livro que desejavam ler), para realizar uma atividade escrita, sem ser dito antes pela docente o que teriam que escrever, apenas que viessem preparados em dia determinado para realizar a referida tarefa, pois a preocupação não deveria centrar-se na atividade e, sim, em lerem com prazer e entenderem o que leram.

No dia determinado, os estudantes receberam a seguinte questão: *Faça uma relação do seu aprendizado com o livro que você leu (15 a 20 linhas). Obs. Não se esqueça de colocar o nome do livro lido neste trimestre. No seu comentário devem aparecer informações do livro lido, informações sobre você, além de conceitos e informações importantes quando se pensa em leitura.*

É interessante ressaltar que por diversas vezes foi discutido em sala de aula

sobre a importância da leitura, diante de leituras que efetuavam. Como incentivo para lerem, foram lidos artigos sobre a questão, e inclusive, produzido um texto com o tema do Enem 2009, “O poder de transformação da leitura”.

Assim, o que se analisa aqui são as seguintes questões: como os estudantes interpretam o que leem (principalmente com relação ao que foi solicitado no enunciado); como desenvolveram a atividade; a tradição de desenvolver o mesmo gênero textual (resumo) quando se depara com propostas inovadoras; e o que é entendido sobre leitura. Para efetuar o registro das colocações dos estudantes, utilizou-se o itálico na fonte.

Vale salientar que Regina Zilberman (2009) destaca:

Quando surgem textos e práticas que permitiriam uma interação questionadora, poética, diferente, aberta, a tendência dos educadores é pautar-se pela reação da maioria e negar as produções de sentido imprevistas no contexto da comunidade escolar de leitores e produtores de texto, caracterizada pela homogeneização (Zilbermann, 2009, p. 71).

Disso resulta a insistência de educadores de solicitarem o mesmo gênero textual há anos, mesmo com tantas propostas dinâmicas que são publicadas com frequência em anais de eventos, revistas acadêmicas e seminários. Tal postura, muitas vezes por acomodação, gera dificuldades dos estudantes de exercitarem a crítica por meio de atividades enriquecedoras, sejam elas orais ou escritas, mas que deixam de pautar-se em exercícios que apenas os fazem retornar ao que foi posto pelo autor e de forma sucinta.

Cabe registrar que muitos estudantes da turma se esforçaram e leram. Alguns deles, inclusive, disseram ser o primeiro livro que estavam lendo na vida (sem contar os contos de fada). O ponto positivo é que leram, mas é chocante quando se pensa que estão no segundo ano do Ensino Médio e ainda não entenderam a importância de ler. O que se observa é que a dificuldade começa na própria interpretação do enunciado. Somam-se a isso a falta de leitura, que gera a dificuldade em ler textos considerados por eles como *grandes*, e a pouca familiaridade com palavras diferentes do seu dia a dia, pois muitos deles sentem um estranhamento e não se interessam pela leitura com palavras consideradas difíceis, perdendo, com isso, a oportunidade de ampliar seu vocabulário.

Convém destacar que, ao se observar os trabalhos realizados pelos estudantes, verificou-se que dos 34 estudantes da turma em análise, alguns deles comentaram sobre leitura (a maioria referiu-se superficialmente) durante sua escrita. Disso entende-se que alguns podem não ter percebido que foi solicitado esse item, tão acostumados que estão em proceder uma leitura rápida do enunciado. Em nenhum momento foi solicitado o resumo e, no decorrer das aulas, inclusive, não foi dito qual questão constaria deste trabalho avaliativo. Apenas solicitou-se que vissem preparados. Percebeu-se que alguns perguntavam durante as aulas: *Para*

quando é o resumo? A docente, então, explicava que não foi solicitado resumo, a atividade avaliativa seria escrita e eles teriam apenas que vir preparados com a leitura que realizaram, pois a questão (as questões) seria(m) apresentada (s) na hora.

É mister destacar que, embora tenham percebido que a questão não pedia resumo, a maioria dos estudantes colocou como resposta esse gênero textual, pois provavelmente se prepararam em casa com o referido texto (já que é comum muitos professores solicitarem durante a vida escolar tal gênero).

Dessa forma, a escrita livre, que proporciona falar sobre as vivências sem pautar-se no que apenas está posto pelo autor, ficou comprometida, já que vários estudantes deixaram de relacionar o livro com o que aprenderam nele, bem como com a sua vida e, em consequência, com a importância da leitura. A esse respeito, Petit (2006) fala sobre o medo do livro: para a autora, autoridades preferem difundir fichas ou trechos escolhidos, juntamente com sua interpretação, sem a possibilidade de jogo, ou seja, da participação do leitor, sem a liberdade de escolher caminhos.

Percebe-se, pelas palavras iniciais do parágrafo de textos de alguns estudantes, que na sequência virá o resumo, como nos exemplos citados a seguir: *O livro traz a história.... Meu livro relatava....* Outros iniciam o parágrafo contando diretamente a história, como, por exemplo: *Em uma favela havia...*

Destaca-se que, ao ler os referidos textos que se iniciam com resumo, fica-se na expectativa de que, em seguida, o estudante vá discorrer sobre o que foi solicitado no enunciado, e isso muitas vezes não acontece. Parece que muitos sentem-se inseguros para falar sobre eles mesmos, o que torna mais fácil aquilo que sempre fizeram a vida toda: resumir.

Em contrapartida, um estudante, logo após resumir, acrescentou a informação sobre ele: *Não gostava muito de ler mas descobri que a leitura não é tão chata como eu pensava.* Nota-se que é apenas um breve comentário, mas, como observa Petit (2008, p. 21), “no início, o aprendizado da leitura é, muitas vezes, um exercício que incute o medo, que submete o corpo e o espírito, que incita cada um a ficar no seu lugar, a não se mover”. Assim, aos poucos, dando a oportunidade para expressarem o que sentem, os estudantes podem entender o quanto é importante ler.

Com relação à importância do que foi lido, agregam-se as palavras da autora Luzia de Maria (2002, p. 21): “Ler é ser questionado pelo mundo e por si mesmo, é saber que certas respostas podem ser encontradas na produção escrita, é poder ter acesso ao escrito, é construir uma resposta que entrelace informações novas àquelas que já se possuía”.

Esta é a dificuldade: entrelaçar as informações, pois a tarefa elaborada por esses estudantes apresenta indícios de que eles atenderão aos quesitos solicitados, entretanto, isso não passa de indícios: *Esse livro foi de suma importância em meu aprendizado, já que o mesmo relata..., Aprendi com esse livro que quando o amor é verdadeiro, conseguimos passar pelas dificuldades.* Após esses trechos dos dois estudantes, o texto deles segue com resumo.

Essa tradição que impera com relação ao gênero resumo pode ser constatada também no texto do estudante que leu o livro *Os varões assinalados*. O referido estudante iniciou seus parágrafos com as expressões: *O livro conta...*, *Fala das...*, *Conta sobre...* E no último parágrafo houve a tentativa de ir além, mas não foi, pois começou dando a ideia de que sairia do resumo: *É um livro muito interessante...* Mas na continuação volta a resumir: *que conta a verdadeira história...*

Já outros fazem o comentário no final do texto: *A história tem um pouco a ver com meu cotidiano, pois apresenta dúvidas amorosas, desavenças entre irmãos, laços de amizades. Tenho um grande amor por cães e esse livro me fez ter gosto por livros baseados em fatos reais, vou ler mais, assim acabo criando gosto pela leitura. O livro Cidade de Deus é realmente muito bom de se ler, enquanto você está lendo, fica imaginando cada cena ocorrida, cada fato, realmente um ótimo livro.* Aqui, tornam-se pertinentes as colocações de Lerner (2002, p. 18), para quem há a necessidade de se preservar na escola o sentido da leitura e da escrita como práticas sociais, “para conseguir que os alunos se apropriem delas possibilitando que se incorporem à comunidade de leitores e escritores, a fim de que consigam ser cidadãos da cultura escrita”.

Percebe-se que entre os estudantes que tentam fazer uma relação entre as situações apresentadas no livro e a sua vida, alguns deles utilizam a 1ª pessoa do singular, e a maioria dos que fazem essa relação fazem-no de forma geral, alternando, muitas vezes, as pessoas do discursos, já que é a forma que utilizam na linguagem oral. De toda forma, conseguiram se posicionar: *Esse livro é muito interessante pois ele faz você imaginar as loucuras em que Dom Quixote vai se meter e faz você ver que somente lendo o livro a pessoa já se imagina todas as cenas como se fosse um filme em sua cabeça.*

É interessante também observar o que estão lendo. Uma estudante que leu *Mundando tudo! Alice Ferrie no Canadá* escreveu: *O livro contribuiu muito para a minha vida, eu não citei quando contei, mas Alice mostrou que devemos nos amar em primeiro lugar, não ficar se depreciando quando um relacionamento acaba. O livro é contado em forma de blog, não é uma coisa chata e extensiva de se ler, mas prende e nos dá ótimos conselhos. Alice agia muito sem pensar, fazia muitas burradas, isso foi interessante pois me identifiquei com ela, aprendi que devemos ser mais pacientes.* Nota-se aqui um livro voltado para o público adolescente, ou seja, uma literatura *chick-lit*, apontada por Zoara Failla (2012) como uma literatura de autoajuda focada nas adolescentes, apresentando temas como amor, relacionamentos e tendo as mulheres como protagonista.

Outro caso do mesmo tipo de literatura refere-se a uma estudante que leu *Para sempre*. Por ser adolescente, ela passa por muitas transformações, sente a necessidade pela busca de livros que tratem do amor: *Este livro instiga a leitura, pois há o desejo de saber como ele conseguiu reconquistá-la, como diante de imensas dificuldades pode ir adiante pelo grande amor da sua vida, mostrando que com o amor pode-se derrubar barreiras.*

Soma-se a esse tipo de leitura mencionada a literatura *sick-lit*, considerada por Zoara Failla (2012) como a literatura da doença, trazendo reflexões sobre a vida

e a morte. Uma estudante iniciou o texto desta forma: *Esse trimestre eu li A culpa é das estrelas, um livro que é muito bem elaborado e se focar na história pode aprender muita coisa, até um incentivo para viver*. Observa-se aqui que a leitora poderia ter acrescentado mais informações, mas resumiu o seu aprendizado em *muita coisa*. Que coisas seriam essas?

Na sequência, outra estudante apresenta o resumo do livro e, em seguida, o seguinte trecho: *A história mostra que mesmo com alguns problemas, quando a gente acha que não aguentaremos mais, sempre vai ter alguém para ajudar a seguir, que nada na vida é para sempre, apenas as lembranças e histórias vividas*. Apresenta-se aqui uma lição de moral que foi tirada da história, tão frequente em outros textos escritos pelos estudantes.

Convém acrescentar que os jovens sentem a necessidade de histórias que tragam a solução para o problema depois do sofrimento, dando esperanças de que, frente às dificuldades encontradas em suas histórias reais, elas sempre acharão a solução. Mais ainda quando o livro é baseado em história real, o que dá credibilidade dos fatos. Percebe-se aqui a observação prática disso pelas palavras de uma estudante que leu o livro *Os cães nunca deixam de amar: Foi um livro que me motivou muito, pois ele é baseado em uma história real, quando descobri que era uma história real me deu mais vontade de ler e saber o que iria acontecer com Seamus e Teresa. É uma história triste, mas muito motivadora. Teresa conseguiu vencer o câncer porque tinha um Beagle ao seu lado. Um cachorro faz toda a diferença na vida das pessoas, eles nunca nos abandonam, são amigos fiéis*. Eis aqui novamente a presença da literatura *sick-lit*, fazendo leitores e permitindo que por meio dessa literatura os estudantes se posicionem. Muito se tem questionado sobre esse tipo de literatura, mas aqui, para esta análise, apenas observa-se que os estudantes se mostram atraídos por ela.

Quanto à moral da história já referida anteriormente, muitos dos estudantes, após fazerem o resumo, terminam dizendo o que a história lhes ensinou: *O que a história ensinou é que a amizade sempre vai ser mais importante do que a vida, cor, religião. Ter amigos é ter uma segunda família. Não importa como e o jeito desse amigo*. Esse texto é de uma estudante que leu *O menino do pijama listrado*. Percebe-se que ela poderia tê-lo relacionado com as amizades dela, porém, o que fez foi generalizar. Eis a dificuldade que se percebe de contar algo particular, da sua vida. Além disso, desde a infância, para eles a história tem uma moral, as eternas fábulas. Só que essa moral, geralmente na fase da adolescência, para eles, é tentar pensar o que o autor quis dizer. Ainda muitos sentem a necessidade de não fugir ao que foi dito pelo livro, sem considerar que a sua interpretação, o seu aprendizado, é muito importante nesse processo da leitura.

Já outra estudante manifestou seu aprendizado pela leitura do livro *Os donos do futuro*: *[o livro] me mostrou que a paciência é a palavra-chave para o sucesso. Ele mostra o valor do sucesso e da humildade, não adianta ser grande de bolso e pequeno de caráter. Por isso me identifiquei com o livro logo que li a primeira frase*. Eis aqui a preferência

por livros de autoajuda (literatura *chick-lit*), os quais dão dicas para alcançar a felicidade, soluções para os problemas, uma espécie de fórmula para alcançar o que se quer.

Essa necessidade de identificação com o texto também está presente quando se observa o comentário desta outra estudante: *Esse é um bom livro porque algumas pessoas muitas vezes estão para baixo e sem ânimo, mas lendo se consegue ver outros casos de que o outro também tem dificuldades e necessidades e as vezes muito pior que as nossas.* Mesmo não tendo se comparado com a pessoa que está nessa situação, provavelmente ela assim se sente, pois se refere ao livro como conforto para sua vida, por isso, fez uso do pronome “nossas”, incluindo-se entre elas.

Percebe-se ainda essa identificação com o livro lido, por meio da fala desta estudante: *Este livro foi o primeiro que realmente me encantou, fiquei maravilhada com a história e a forma como o personagem supera todos os problemas que encontra.* Acrescenta: *É um livro relativamente curto, mas se eu não tivesse gostado da leitura demoraria semanas para acabar de ler.* Esta mesma estudante posta exatamente o que é discutido pela autora Regina Zilberman (2009), quando fala em gradação textual: estimular a leitura deve primeiramente acontecer com textos próximos da realidade dos estudantes, com textos mais fáceis, para depois ampliar seu repertório. Palavras da estudante: *Acho que as pessoas que querem começar a ler devem procurar livros de fácil compreensão e com temas que elas gostam, isso facilita para ter uma vida de leitor.* Considerando essa fala, chamou a atenção o fato de alguns estudantes darem dicas. É o que se observa também na fala deste estudante: *Recomendo o livro para quem quiser acompanhar uma boa história de aventura* (referindo-se ao livro *Robinson Crusóé*).

Destaca-se aqui que, com relação à adolescência, Zoara Failla (2012) diz ser uma época de muitos questionamentos, de sentimentos que o jovem não domina, numa situação em que a imagem é importante. Buscam-se respostas a anseios e inseguranças, e a literatura pode ajudar, pois os adolescentes se identificam com personagens e situações, eles percebem que não estão sós, alguém viveu e vive o mesmo que eles. Tal situação também pode ser percebida neste trecho do estudante que leu *Diários de um vampiro*: *O que se assemelha a mim é que os personagens são adolescentes e vivem em conflitos com os sentimentos, passam por problemas da adolescência, como dúvidas, medos, incertezas, inseguranças e são estudantes do ensino médio.*

Agrega-se a isso o trabalho realizado por esta adolescente, a qual fala dela própria utilizando, na maioria das vezes, a primeira pessoa do plural. Na sequência, sem ligar o texto, a estudante fala da leitura: *Lendo este livro consegui compreender que muitas vezes nos julgamos loucos, mas na verdade só estamos confusos e que as pessoas nos definem como loucos apenas por não nos encaixarmos no que elas acreditam ser o certo. A leitura nos leva para essas realidades diferentes, faz com que a cada livro lido descobrimos outros olhares para situações que muitas vezes não temos tanto conhecimento, nos trazendo cultura, informações e até mesmo histórias de vida.* Além de compreender que se trata de uma escrita típica da adolescência (em que ela, a adolescente, é identificada pelo grupo de sua idade, daí a utilização da 1ª pessoa do plural), a estudante também percebe o crescimento possível pela leitura.

Em se tratando de avanços com relação à leitura, é mister que se apresente o texto de um estudante que, pela escrita, revela domínio da linguagem padrão e conhecimento literário: *A obra me agregou conhecimento histórico, sociológico, interpretativo e uma visão muito mais crítica dos valores nacionais durante o século XIX, além de ter sido a terceira prosa machadiana já lida por mim, completando, portanto, a leitura da maior trilogia brasileira já escrita.*

Disso decorre a importância da leitura, independentemente de como e onde ela aconteça, conforme as palavras de Zilberman:

Por meio da leitura literária o aluno pode ter acesso ao texto, como instrumento privilegiado de modelização do uso escrito da língua, instrumento que pode ajudá-lo a desenvolver-se, ele próprio, como um melhor produtor textual, a partir do aumento de seu acervo de experiências textuais (Zilberman, 2009, p. 114-115).

Já neste outro texto, observa-se que não ficou claro o que a estudante quis dizer sobre a leitura do livro *Ana Terra*, e isso frequentemente acontece com os estudantes. Ela iniciou seu texto dizendo: *O livro trouxe o conhecimento que não devemos fazer nada na vida sem ter noção do que poderá acontecer com o tempo, para no futuro, muito menos ter pressa.* Muitos estudantes escrevem da maneira como falam, sem entender que a escrita se difere da construção oral, pois é necessário organizar o pensamento, a fim de ser entendido, reescrever e colocar-se no lugar do possível leitor.

Nesse sentido, Zilberman (2009) salienta que as entonações, pausas, os acentos de intensidade e os complementos extraverbais têm um papel no espaço oral que não terão no escrito. Percebe-se então que o escrito não é somente o registro da fala, pois implica outras diferenças. Comumente, na situação oral, o falante tem a seu favor uma série de elementos complementares de sua mensagem linguística.

Após essa exposição da interpretação dos estudantes quanto ao enunciado, verifica-se o que alguns escreveram sobre leitura. Geralmente deixaram a informação para colocar no final do texto: *A leitura é de vital importância para o crescimento pessoal e profissional de cada um. Para quem já tem o hábito de ler, continue. Para quem não tem, cultive-o. Entrar no mundo da leitura é como entrar em um mundo novo. Você imagina, cria outras ideias, aumenta seu aprendizado, além de ter mais conhecimentos também. Eu adoro ler. A leitura é de extrema importância, pois é algo que nos emociona, nos comove, muda nossos pensamentos e nos transforma em seres humanos melhores. Acho que um livro bom influencia muito na leitura. A base da nossa vida é a leitura, se você tem conhecimento nada mais importa. Ler é entrar em um mundo todo seu, onde o que importa é você e o seu livro.*

Percebe-se, assim, que esses estudantes que se referiram à leitura conseguem ter uma noção da sua importância para o aprendizado, aproximando-se, então, da definição do que é leitura, conforme apresentado por Lerner (2002): “Ler é

entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita...” (Lerner, 2002, p. 73).

Enfatiza-se que havia dois períodos para a confecção do texto e a docente não solicitou muitas linhas como o mínimo a ser escrito, por isso, dentro desse limite de tempo (contando que muitos fizeram rascunho), e levando em consideração os itens solicitados, os que escreveram sobre leitura poder-se-ia dizer que o fizeram a contento.

Vale registrar que nem todos os estudantes da turma em análise conseguiram fazer uma interpretação adequada a fim de atender ao que foi solicitado no enunciado, em razão de sua trajetória de avaliações ter sido focada em resumo, ou seja, em textos resumidos que lhes foram apresentados durante a vida escolar, seja em trechos presentes nos livros didáticos, seja nas avaliações nas quais os docentes lhes solicitaram resumos.

Não há como negar que alguns já estão no caminho, ou seja, entenderam o enunciado e procuraram escrever adequando-se a ele. Outros atingiram parcialmente as atividades, pois deixaram um dos itens solicitados de fora.

Diante disso, o que se pode observar, perante as informações colhidas nos trabalhos realizados pelos estudantes e as leituras realizadas para compor este artigo, foi que alguns atendem ao que é solicitado no enunciado, ou seja, interpretam corretamente, já outros deixam a desejar. Inclusive aponta-se a forma aqui elaborada na atividade como alternativa de avaliação em prol da formação dos leitores.

Para finalizar a atividade, os textos foram devolvidos e novamente explicou-se o exercício, pedindo para que procedessem à refacção das ideias, adequando-as ao solicitado. Essa comparação dos textos (anterior e posterior) tornar-se-á tema para outro artigo.

Pela teoria pesquisada e pelos dados coletados no trabalho dos estudantes, percebe-se a necessidade de avançar em pesquisas e práticas para que efetivamente haja formação de leitores atuantes e críticos na sociedade, com docentes engajados em pesquisas e propostas inovadoras, dinâmicas e transformadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim, diante das leituras realizadas e apresentadas neste artigo e das análises apresentadas, fica a indagação: como haverá cidadãos críticos, se a escola muitas vezes não proporciona práticas de leitura condizentes para atender essa necessidade? Esses estudantes irão para a graduação, e os professores, que deveriam ser os principais incentivadores da leitura, muitas vezes não estão promovendo atividades que favoreçam esse crescimento. Dessa forma, os estudantes avançam as etapas, porém, permanecem realizando atividades com relação à leitura que nada acrescentam, limitando-se a dar retorno ao professor pelo resumo, sem entender a

importância de ler. Conseqüentemente, os professores não compreendem a dificuldade de muitos estudantes em escrever sobre o que a leitura acarreta em sua vida.

Vale salientar que é preciso que o estudante entenda a importância de ler como forma de participar ativamente da sociedade. Eis a razão da tarefa que aqui se analisou: envolver muito mais o conhecimento de mundo do estudante, a sua realidade, a visão crítica, do que meramente a repetição do que estava escrito no livro. Esta é a produção de texto que dá liberdade para o estudante se posicionar, podendo ser tudo aquilo que esses estudantes expuseram nos seus comentários por meio do texto e muito mais, a partir do momento em que se reconhecem na leitura.

Pelas palavras dos autores aqui apresentados, percebe-se que há a necessidade de docentes que se engajem e se envolvam com a leitura dos seus estudantes, que estes tenham condições de se expressar de forma espontânea e que assim prosigam no 3º ano, inclusive saindo do Ensino Médio. Em decorrência disso, poderão ter maiores condições de prestar exames avaliativos de ingresso no ensino superior, bem como participar dos eventos que ocorram no decorrer de sua vida, e ao mesmo tempo, atuando neles. A falta de argumentos que muitos apresentam origina-se da falta de leituras e de um bom encaminhamento avaliativo que contribua para realmente formar leitores.

REFERÊNCIAS

- Boff, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Chartier, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. (org.) *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- Eco, Umberto; Carrière, Jean Claude. *Não contem com o fim do livro*. São Paulo: Editora Record, 2010.
- Failla, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Instituto Pró-Livro, 2012.
- Lajolo, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 3 ed. São Paulo. Ática, 1997 (Educação em Ação).
- Lerner, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre. Artmed, 2002
- Manguel, Alberto. *Uma história de leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Maria, de Luzia. *Leitura e colheita: livros, leitura e formação de leitores*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Martins, Maria Helena. *O que é leitura*. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- Petit, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

- Revista observatório Itaú Cultural OIC* – n. 15. São Paulo: Itaú Cultural, 2014.
- Santaella, Lucia. *Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.
- Weber, Max. *Economia e sociedade*. 2 ed. Brasília: UnB, 2010.
- Zilberman, Regina; Rosing, Tânia Mariza Kuchenbecker. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.
- _____. Precisamos falar sobre o ensino, in: *XIV Encontro da ABRALIC*. Belém: Universidade Federal do Pará, 2014.

ARTIGO RECEBIDO EM 19/02/2018; APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM 26/05/2018

RESUMO: O que se apresenta neste trabalho é uma análise de uma prática de avaliação de leitura realizada com uma turma do Ensino Médio de uma escola estadual do Rio Grande do Sul. Considerando que a leitura é a base para a formação dos estudantes e que a educação básica que termina no Ensino Médio deve ser a propulsora para a formação desses leitores, pretendeu-se investigar como os estudantes estão direcionados para a avaliação da leitura, pois avaliar é um ato exigido na educação. Assim, a avaliação deve ser realizada de modo a contribuir para a ampliação de habilidades necessárias à proficiência leitora. Porém, nem sempre isso acontece, pois os estudantes, como se percebe pela atividade, chegam no Ensino Médio acostumados a resumir textos. A atividade prática aqui efetuada mostrou que é possível realizar avaliações de leitura para aferir a aprendizagem dos estudantes e não apenas para devolver o que foi apresentado pelo autor.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Formação de leitores. Avaliação.

ABSTRACT: What is presented in this work is an analysis of a reading assessment practice performed with a high school class from a state school in Rio Grande do Sul. Considering that reading is the basis for the students' education and that the basic education that finishes in High School should be the impetus for the formation of these readers, it was intended to investigate how the students are directed to the evaluation of the reading, since to evaluate is an act required in education. Thus, the evaluation should be carried out in order to contribute to the expansion of the skills necessary to the reading proficiency. However, this is not always the case, since students arrive in high school accustomed to summarizing texts. The practical activity performed here showed that it is possible to carry out reading assessments to assess students' learning and not just to return what was presented by the author.

KEYWORDS: Reading. Forming readers. Evaluation.